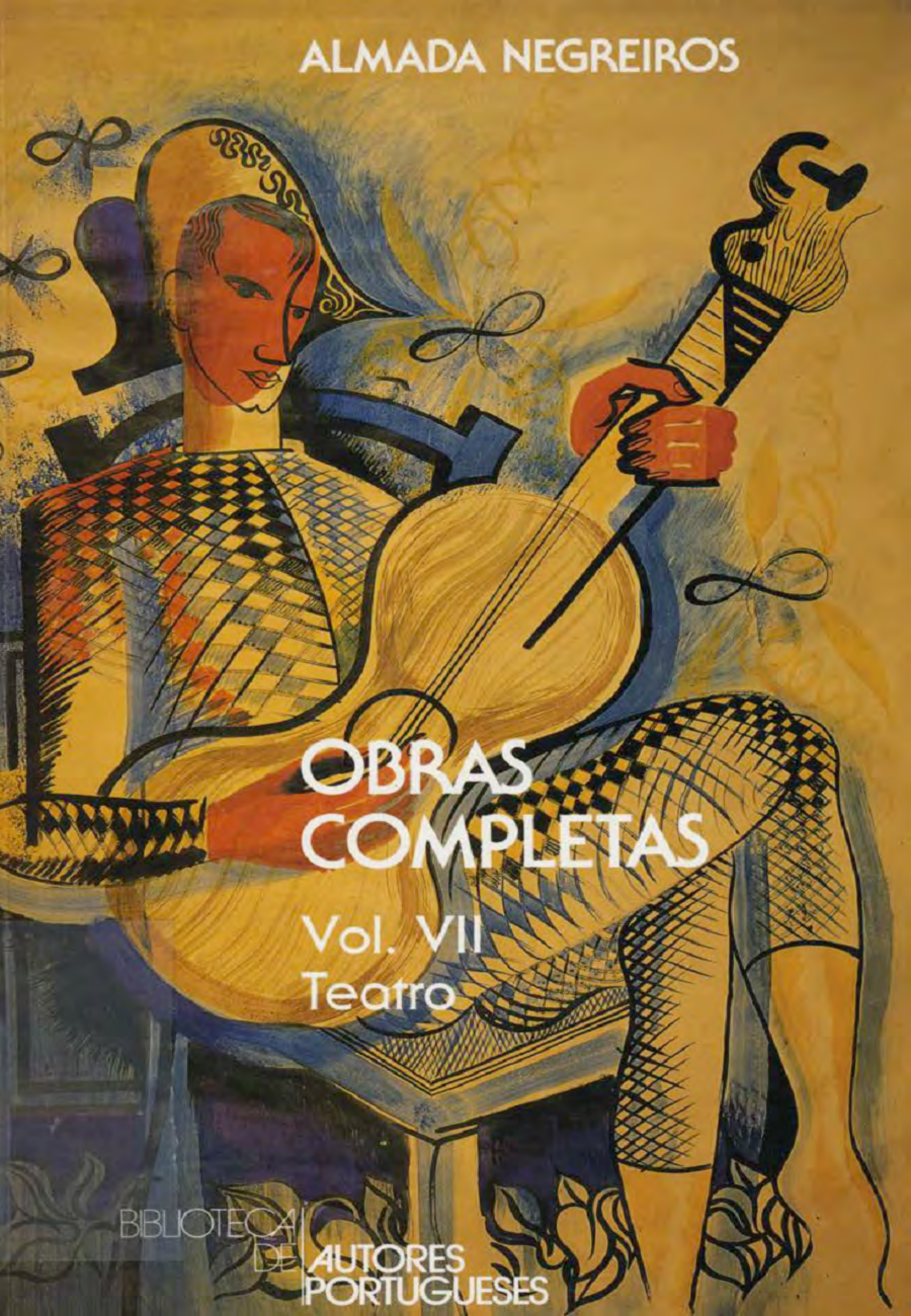
ALMADA NEGREIROS



OBRAS COMPLETAS

Vol. VII
Teatro

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFLOT 000097
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
ÓSSIMO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ALMADA NEGREIROS

OBRAS COMPLETAS

Vol. VII

Teatro

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

GALILEU, LEONARDO E EU

(1965)

Deve-se agora à genialidade do pintor Picasso este modo do exercício de arte pelo espontâneo. E também se devia já ao Renascimento.

Já no Renascimento havia sido encontrado «estudar longamente e executar depressa». Mas deve-se reconhecer em Picasso a maravilhosa florescência disto mesmo, como o não havia atingido ainda Rafael, e como o não podia ter atingido antes da nossa actualidade. Eis agora Picasso.

Aprendi em Renascimento e Picasso a executar de fio a pavio, a rasgar e esquecer o que de fio a pavio não consegui fazer chegar em unidade a fim, e a recomeçar constantemente até consegui-lo.

Agora, aos 72 anos de idade, apresento em teatro exemplos da demoradíssima arte por espontâneo.

Pintei antes a fresco as duas gares marítimas de Lisboa (250 m² cada uma) que estudei cada uma dois anos e meio e executei cada uma em setenta dias acompanhado apenas pelo mesmo operário chegador das tintas.

(Meia luz.

Uma ogiva.

Um pequeno vitral quadrado fortemente colorido de assunto friamente geométrico: círculo inscrito em quadrado.

Uma pesada esfera oscila em pêndulo dum lado a outro da cena passando em silêncio conforme a sua amplitude incomparavelmente maior do que a abertura da cena.

Afinal está alguém sentado ao fundo atento a um plano desenhado.

O carrilhão da catedral muito perto vibra ostentivamente um copla solene.

De novo o silêncio.

A figura ao fundo levanta-se e vai para diante da ogiva de costas ao público.

Através da ogiva começa a ver-se a noite estrelada e finalmente toda a atmosfera nocturna com as suas constelações e astros em todo o fundo da cena.

A figura volta-se para o grande pêndulo que continua a oscilar e segue-o com a vista compassadamente definindo perfeitamente a sua demorada amplitude.

Uma figura de mulher avança. Hesita duas vezes antes de tocar-lhe um ombro.

Cara a cara.)

MULHER — Peço-te. Rogo-te. Por nós ambos to peço. Faz-me isto a mim. Por mim. Eu guardo segredo. Ninguém mais o saberá senão tu e eu. Diz-me: Move-se?

HOMEM (*Indicando o pêndulo e seguindo-o com o braço.*) — Move-se?

MULHER — Oh é terrível!

Se é verdade porque o não calaste?

Não era o bastante sabê-lo para ti?

Porque o disseste?

Porque mo disseste se nada sei disto senão por ti?

Porque puseste em mim esta perturbação entre nós ambos e entre nós e o mundo?

Chamas verdade a isto que põe o mundo contra nós?

Não é verdade também o mundo?

São os dirigentes do mundo que estão contra nós. Contra a tua verdade!

Será a verdade coisa assim a perturbar a paz?

HOMEM (*Seguindo com o braço a oscilação do pêndulo.*) — A paz.

MULHER — E eu que rebente de paz. A tua paz.

HOMEM — Rebenta-se de falta de paz.

MULHER — Tu rebentavas de a não teres e agora eu de a teres tu. Sempre tu e só tu.

HOMEM — Eu te preveni, mulher: segue-me a companhia que eu te farei o mesmo.

Não te despegues de mim.

Se o nosso destino foi ambos, o destino é fatalidade e não fatalismo.

MULHER — E rebento eu só?

HOMEM — Se o nosso destino é ambos, não pode rebentar um só. Destino é no estreitíssimo território do possível. E por isto mesmo o que não é a verdade não pode continuar a parecer possível.

MULHER — Então a tua resposta a mim, à tua mulher, que te pergunto a ti em segredo, só para ela, que lhe digas a verdade, a tua resposta é: Sim: A tua resposta é: Move-se.

HOMEM (*Seguindo com o braço a oscilação do pêndulo.*) — Move-se.

MULHER — Pois a tua verdade não me dá paz nenhuma.

HOMEM — Despegaste-te do nosso destino de ambos: sabes de paz menos que eu. Talvez.

MULHER — Eu, eu, eu, eu,... sempre eu!

HOMEM — Eu é em todos os idiomas a única palavra em carne e osso comum a todas as pessoas.

MULHER — Isso: à maneira de homem.

HOMEM — O que não é verdade.

MULHER — Ganhas sempre.

HOMEM — Há só uma maneira de gente: Eu ou ambos ou todos, chama-se verdade.